

# INFINITIVO PESSOAL NO PORTUGUÊS FALADO NO SUL DO BRASIL O PREENCHIMENTO DO SUJEITO EM ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

EDAIR MARIA GORSKI  
(Universidade Federal da Santa Catarina)

## 1. Introdução

Neste estudo considera-se o infinitivo pessoal como aquele que tem sujeito próprio, podendo ou não flexionar-se (Cunha e Cintra, 1985). Neste sentido, admite-se que a pessoalização do infinitivo pode dar-se no plano morfossintático da flexão número-pessoal e da concordância e/ou no plano sintático-discursivo da expressão do sujeito.

Estudos prévios (Gorski, 1997; 1998) sobre a pessoalização do infinitivo no português do Brasil têm mostrado que esta estratégia linguística é relativamente escassa na fala, especialmente no que se refere à flexão verbal. Um levantamento de contextos propícios à flexão, relativos a P2 (tu), P4 (nós) e P6 (eles), mostrou o reduzido percentual de 8% de flexão verbal. Com ampliação do *corpus* para contemplar todas as ocorrências de infinitivo que poderiam ter o sujeito preenchido, chegou-se a um percentual de 29% de sujeito formalmente representado. Este é um índice baixo se comparado a resultados obtidos para expressão do sujeito com outros tempos verbais<sup>1</sup>, o que mostra que os brasileiros não só deixam de flexionar o verbo, como também utilizam pouco a estratégia de expressar o sujeito para pessoalizar o infinitivo<sup>2</sup>.

Um tratamento variacionista dos dados, tomando-se como variável dependente a expressão do sujeito de infinitivo, revelou como fatores condicionantes estatisticamente mais significativos para a realização formal do sujeito a não correferencialidade, a determinação semântica e o estatuto sintático da oração de infinitivo (Gorski, 1998). Resultados gerais em que se comparam orações subordinadas substantivas e adverbiais apontam as primeiras como contextos preferenciais para a expressão do sujeito e as últimas como contextos

inibidores à aplicação da regra. É sobre as orações substantivas que recai nossa atenção no presente trabalho.

O grupo de fatores sintáticos controlado envolve alguma complexidade no que se refere à classificação tanto de determinadas orações, como de certos sintagmas nominais candidatos a sujeito de infinitivo. Um dos aspectos que desejamos destacar diz respeito ao estatuto sintático problemático de certos tipos de oração substantiva e, decorrente deste, à importância de se refinar determinados fatores de modo a captar melhor os diferentes condicionamentos. Outro aspecto que queremos enfatizar é relativo a graus de integração sintático-semântica que caracterizam as orações em questão e que possibilitam dispensar-lhes um tratamento escalar.

## 2. Metodologia

O *corpus* analisado integra o Banco de Dados do Núcleo Interinstitucional de Pesquisa VARSUL (Variação Lingüística na Região Sul do Brasil), restringindo-se aos dados coletados na cidade de Florianópolis (ilha de Santa Catarina). Foram levantados dados de 24 informantes estratificados por sexo, idade (25 a 49 anos e acima de 50 anos) e escolaridade (primário, ginásial e colegial), retirados de entrevistas realizadas segundo metodologia sociolingüística laboviana.

Foram analisadas construções com infinitivo que pudessem aceitar flexão número-pessoal e/ou sujeito expesso. Não foram consideradas na análise ocorrências dos seguintes tipos: a) locuções verbais (correferenciais e fortemente integradas); b) locuções com material interveniente (como: *ia embora pra São Paulo trabalhar*); c) outras construções fortemente integradas (*quem tinha coragem de ir? eu não tinha necessidade de trabalhar*); d) infinitivos substantivados (*namorar é uma coisa séria; brincando de esconder*).

Os dados foram submetidos a tratamento estatístico através do pacote VARBRUL (Pintzuk, 1988) para cálculos de frequências, percentuais e pesos relativos. Neste artigo são apresentados e discutidos resultados relativos a 505 dados de orações substantivas, tendo em vista a expressão do sujeito de infinitivo.

## 3. Considerações de ordem sintática

Em um primeiro momento da análise, as orações substantivas com infinitivo foram categorizadas de acordo com os seguintes tipos: objetiva direta, objetiva indireta, subjetiva, predicativa e completiva nominal, conforme respectivamente exemplificado abaixo.

- (1) Eu vi *aquilo ali crescer junto comigo* (FLP 04, L922)
- (2) (A profissão) era valorizada, dependia *de você ter um pouco de cultura também* (FLP 04, L897)
- (3) Ele disse que era bom *nós levar ela pro hospital* (FLP 15, L159)

- (4) O negócio não é só *ser assaltado em si*, mas é *tirar os documentos novamente* (FLP 19, L269)  
 (5) Quando começa a tomar um refrigerante, dá vontade *de fumar um cigarrinho* (FLP 04, L443)

Todavia, inúmeros dados encontrados não apresentavam transparência quanto a sua função e incluí-los em uma ou outra categoria parecia falsear a classificação. É o caso de construções como as seguintes:

- (6) Dei um livro *pra ele ler* (FLP 16, L771)  
 (7) Vou trazer uma pomada *pra mãe passar...* (FLP 03, L1147)  
 (8) Nós pedíamos *pra ele confeccionar (...)* duas rodinhas (FLP 02, L995)  
 (9) O salário mal *dava pra ele sobreviver* (FLP 20, 1303)  
 (10) Não *dá pra ninguém ver* (FLP 04, L572)  
 (11) Na época *dava pra comprar* brinquedo, né? (FLP 09, L25)

O fato de todas as frases exibirem o infinitivo precedido da preposição *pra*, esta parecendo reger um complemento verbal, pode levar, num primeiro momento, a considerá-las todas como exemplares de um mesmo tipo. Entretanto, um olhar mais cuidadoso logo desfaz esta impressão. Vejam-se os desdobramentos que possibilitam recuperar a estrutura básica e identificar a função original de cada oração subordinada desenvolvida. Começemos com os três primeiros enunciados:

- (12) Dei um livro [pra ele] ler (= dei (pra ele) *para que ele lesse* - ADV)  
 (13) Vou trazer uma pomada [pra mãe] passar... (= trazer (pra mãe) *para que ela passe* - ADV)  
 (14) Nós pedíamos [pra ele] confeccionar ... (= pedíamos (pra ele) *que ele confeccionasse* - OD)

O pronome *ele* e o nome *mãe* destacados nos três dados acima estão, na verdade, acumulando funções linearmente representadas e com diferentes escopos: *pra ele* estaria, por um lado, complementando indiretamente os verbos *dar* e *pedir*, e, por outro, funcionando respectivamente como sujeito dos verbos *ler* e *confeccionar*; da mesma maneira, *mãe* desempenha a função de objeto indireto de *trazer* e sujeito de *passar*. Isso cria um problema adicional quanto à categorização dessas orações de infinitivo, pois enquanto as estruturas reduzidas (à esquerda) dão margem ao reconhecimento de uma função híbrida para os pronomes/nome em questão, o que autoriza a agrupá-las como um mesmo tipo, as estruturas desenvolvidas (à direita) mostram funções diferenciadas para essas mesmas orações: em (12) e (13) a função seria adverbial final e em (14), objetiva direta. A opção foi considerar os enunciados com essas características como um tipo a parte que rotulamos, para efeito de identificação, como OI=SUJ.

Retomando agora os outros três exemplos já apresentados:

- (15) O salário mal dava [pra ele] sobreviver (= mal dava (pra ele) *para que ele sobrevivesse* - ADV)  
 (16) Não dá [pra ninguém] ver (= (pra) ninguém ver não dá - SUJ)  
 (17) Na época dava [pra 0] comprar brinquedo, né? (= (pra) comprar brinquedo dava - SUJ)

O primeiro enunciado apresenta características que permitiriam incluí-lo no grupo acima descrito: *ele* com uma função híbrida - complemento indireto do verbo *dar* e sujeito do verbo *sobreviver*. O segundo, embora também traga um referente expresso preposicionado na mesma posição ocupada pelo primeiro, não apresenta com igual clareza a superposição de funções que caracteriza o anterior; como o verbo *dar* não tem sujeito expresso, a oração infinitiva seria o candidato natural a sujeito daquele verbo. Já o terceiro enunciado não apresenta nenhum tipo de sintagma expresso entre os verbos. Assim, embora os dois primeiros exemplos tenham em comum o sujeito expresso de infinitivo, o segundo e o terceiro opõem-se ao primeiro em termos de função sintática da oração subordinada, pois enquanto nestes as orações de infinitivo parecem funcionar como sujeito oracional de *dar*, apesar de regidas por preposição, naquele a oração reduzida parece ter o papel de adverbial final. O traço que particulariza este subconjunto de frases é a presença do verbo *dar* na oração principal com a significação comum de 'ser possível'. Foi esta particularidade que determinou a reunião de enunciados desse tipo em um grupo separado, identificado como *dar pra INF*. Registre-se que encontramos em nossos dados também ocorrências de *dar* com infinitivo regido por *de*, funcionando como oração subjetiva, como em:

- (18) Ainda dá *de comprar*, não é tão caro (FLP 07, L1020)

Este refinamento na categorização das orações substantivas foi estendido também para as orações infinitivas objetivas diretas, devido a particularidades apresentadas pelos tipos de verbos da oração matriz. Uma busca nos dados revela que há pelo menos duas categorias de verbos que particularizam um subconjunto entre as orações objetivas diretas. Trata-se de verbos causativos e sensitivos tais como *fazer*, *mandar*, *deixar*, *ver*, *ouvir* e similares, cujo sintagma nominal seguinte parece exercer função híbrida, comportando-se simultaneamente como objeto direto do verbo principal e sujeito do verbo subordinado<sup>3</sup>. Optou-se então por separar as objetivas diretas em dois grupos: aquele em que há correferencialidade entre o objeto da principal e o sujeito da subordinada, como nas duas primeiras frases abaixo (identificado como OD=SUJ), e outro para os demais casos, conforme ilustrado pelo último exemplo da seqüência:

- (19) Se você *deixar* [a pessoa] *querer* que você ande... (FLP 02, L637)  
 (20) Eu *vi* [aquilo ali] *crescer* junto comigo (FLP 04, L922)  
 (21) Não tenho *como comprar* um terreno (FLP 09, L496)

Uma vez realizada essa recategorização, os dados foram submetidos a tratamento estatístico cujos resultados são mostrados na tabela a seguir.

	Total/apl	%	PR
OD= SUJ	89/65	73	.79
Subjetiva	75/45	60	.73
Dar pra -INF	39/13	33	.47
Objetiva indireta	47/16	34	.43
Objetiva direta	17/5	29	.37
Predicativa	45/11	24	.31
Compl. Nominal	161/36	22	.31
OI=SUJ	32/32	100	
<b>Total</b>	<b>505/223</b>	<b>44</b>	

Tab.1: Estatuto sintático da oração e expressão do sujeito de INF

No limite inferior da tabela aparece registrado o número de ocorrências das construções que convencionalizamos rotular como OI=SUJ, as quais, como já vimos, poderiam ser distribuídas pelas demais categorias (inclusive a de adverbiais, não contemplada na tabela). Mantivemos estes dados para comparação com os demais, chamando a atenção para a recorrência desse tipo de construção no português falado.

Situado no topo da tabela, como fator fortemente condicionante da expressão do sujeito de infinitivo, temos as orações objetivas diretas identificadas como OD=SUJ (73%). A exemplo das mencionadas no parágrafo anterior, estas também se caracterizam por apresentar constituinte com funções superpostas. Assim, junto de verbos causativos ou sensitivos na oração matriz, as chances de representação formal do sujeito de infinitivo são de .79. Neste contexto (OD=SUJ) foram encontradas apenas cinco ocorrências de construções em que o referente é expresso, de acordo com a norma gramatical, na forma de clítico. Exemplificando:

(22) Eu fui pra Porto Alegre entregar todo o material e não queriam *me deixar sair*. (FLP 23, L808)

Em seguida, também como fator fortemente condicionante do preenchimento do sujeito, vêm as orações subjetivas, com uma taxa de 60% de sujeitos expressos e um peso relativo igualmente alto (.73).

O controle em separado da construção *dar pra INF* (= 'ser possível') mostrou-se relevante, pois este tipo de construção tem baixa frequência de sujeito preenchido (33%) e um peso relativo associado que também se inclina a desfavorecer a expressão do sujeito (.47). Mesmo apresentando, na maioria dos casos, traços que as aproximam das orações subjetivas propriamente ditas,

comportam-se diferentemente destas no que se refere à representação do sujeito de infinitivo.

As orações objetivas indiretas e diretas também mostram-se como contextos inibidores da expressão do sujeito, com pesos respectivos de .43 e .37. Observe-se, porém, que há um tipo especial do objetiva direta (OD=SUJ) cujo comportamento é exatamente o oposto deste. Fica evidente aqui a pertinência do refinamento classificatório a que os dados foram submetidos.

Já como contextos acentuadamente desfavoráveis ao preenchimento do sujeito aparecem as orações predicativas e completivas nominais, ambas com um peso relativo associado de .31.

O estatuto sintático da oração de infinitivo mostra, assim, seu poder condicionante. Resumidamente pode-se dizer que, embora as orações substantivas oponham-se às adverbiais, as primeiras como contextos favorecedores e as últimas como desfavorecedores da expressão do sujeito, as diferentes substantivas não se comportam igualmente, distribuindo-se, também elas, em dois grupos polarizados: certas objetivas diretas (OD=SUJ) e as subjetivas condicionando a manifestação formal do sujeito de infinitivo, enquanto as demais, especialmente as predicativas e completivas nominais, inibindo o aparecimento de sujeito exposto. Um subgrupo das subjetivas, porém, aquelas identificadas como *dar pra INF*, apresenta um comportamento diferenciado, mostrando-se como contexto de restrição ao preenchimento do sujeito de infinitivo e caminhando, talvez, para uma espécie de rigidez estrutural.

#### 4. Considerações de ordem semântico-discursiva

Buscando caracterizar melhor os contextos condicionantes do fenômeno em estudo, realizamos rodadas estatísticas isoladas para cada tipo sintático de oração, controlando a atuação da correferencialidade e da (in)determinação do sujeito sobre o preenchimento. A expectativa em relação a estes grupos era que sujeitos correferenciais entre a oração de infinitivo e a antecedente inibiriam o preenchimento, ocorrendo o mesmo com sujeitos semanticamente indeterminados. Em outras palavras, a expressão do sujeito estaria correlacionada à não correferencialidade e à indeterminação semântica.

Tal expectativa foi confirmada nas rodadas individuais para cada tipo sintático de oração. Os resultados quantitativos atestam que os fatores controlados (correferencialidade e (in)determinação) atuam equilibradamente sobre a representação formal do sujeito de infinitivo. O que distingue um tipo de oração substantiva do outro é a frequência de expressão do sujeito associada a cada tipo (cf. Tab.1). As reflexões a seguir são empreendidas numa tentativa de buscar explicações para essas diferenças em algumas particularidades semântico-discursivas características de cada tipo oracional.

Apesar de condicionamentos comuns aproximarem as subjetivas das predicativas (expressão do sujeito favorecida pela não correferencialidade e inalterada pela (in)determinação), seu comportamento se distancia quando elas mesmas são tomadas como fatores condicionantes (subjetiva = .73 e predicativa = .31, conforme tabela 1). Observem-se outros exemplos ilustrativos dos dados analisados:

- (23) Não adianta às vezes *a pessoa viver* na igreja (...) (FLP 15, L159)
- (24) Ele disse que era bom *nós levar* ela pro hospital (FLP 03, L216)
- (25) O dever da gente é o ano todo, toda sexta *não comer* (FLP 07, L1044)
- (26) O meu sonho era *conseguir fazer* a cirurgia no meu seio (FLP 20, L634)

Em (23) e (24) temos enunciados que se caracterizam por conter na principal uma opinião avaliativa sobre a situação apresentada na oração subjetiva. Em (25) e (26), os enunciados se particularizam pelo caráter atributivo, praticamente isento de referencialidade, presente na oração predicativa que funciona como atributo do sujeito da matriz. Assim, a própria configuração semântica de cada tipo parece motivar ou restringir a expressão do sujeito da subordinada. Espera-se menos referencialidade em um constituinte atributivo e mais em situações factuais ou hipotéticas sobre os quais se tecem comentários avaliativos. A esse respeito observe-se o exemplo abaixo que parece situar-se a meio caminho entre a subjetiva e a predicativa:

- (27) O importante, Jô, é *tu agüentar ali com eles, sofrer com eles ali* (FLP 16, L783)

Nesta frase, a qualificação atributiva foi codificada no próprio sujeito da oração principal e a situação experienciada pelo sujeito de infinitivo aparece na forma de oração predicativa. Seria perfeitamente possível a construção: *É importante tu agüentar...* mantendo o mesmo padrão sintático de: *Era bom nós levar...* (ex.. 24) - invertendo-se, nesse caso, os papéis, de modo que o sujeito (*o importante é X*) passaria a ser codificado como predicativo (*X é importante*).

As completivas nominais, assim como as predicativas, também inibem a expressão do sujeito. Vejam-se alguns dados:

- (28) Eu acho que está na hora *de parar* até pra dar lugar pros mais jovens (FLP 21, L207)
- (29) Aqui até que é um bairrozinho bom, sabe? *de morar* (...) é um lugarzinho bom *de se morar* (FLP 15, L815)

Nesse tipo de construção, há em torno de 20% de representação formal do sujeito, ocorrências essas também condicionadas pelos traços de não correferencialidade e determinação semântica do sujeito, conforme já mencionado. A justificativa para a pequena taxa de sujeito expresso neste

contexto parece residir na forte integração sintático-semântica existente entre o nome e seu complemento (este último desempenhando o papel de especificador muitas vezes), vínculo caracterizado inclusive pela alta frequência de indeterminação do sujeito, o que torna as completivas nominais menos propícias à pessoalização do infinitivo. Observe-se que também nesta categoria aparecem orações com estatuto sintático duvidoso, como em:

(30) Talvez fosse mais fácil *de a gente aceitar* (FLP 11, L755)

Num primeiro impulso somos levados a considerar a oração infinitiva como complemento do adjetivo *fácil*, já que formalmente parece adequar-se a tal função. Entretanto, as características funcionais parecem conformar-se ao padrão das subjetivas: uma situação codificada com sujeito de infinitivo expresso e um predicado atributivo. Parece que estamos, também aqui, diante de construções intermediárias, desta vez entre as completivas e as subjetivas. A configuração subjetiva do enunciado poderia influenciar o preenchimento do sujeito em orações formalmente assemelhadas às completivas nominais.

Com relação às orações objetivas diretas cujo sujeito de infinitivo é correferencial ao objeto do verbo matriz (OD=SUJ), podemos levantar uma hipótese interpretativa centrada na natureza dos verbos da oração matriz. Os verbos desse grupo são, como já mencionado, basicamente causativos e sensitivos. Os primeiros distribuem-se num continuum que vai de um grau maior de controle do agente da oração principal sobre o agente potencial da subordinada com manipulação bem sucedida, até um grau menor de controle, havendo sempre interferência do agente da oração matriz, conforme encontramos em nossos dados: *forçar a, fazer, pôr/botar a, deixar, ajudar a* — de um extremo de obrigação, mais acentuada a menos acentuada, passando por permissão e chegando à cooperação, na relação entre os sujeitos. Vejam-se, por exemplo, (31) e (32):

(31) Elas *forçavam* mais as filhas ir pra ir junto (FLP 04, L626)

(32) Me abaixei e *ajudei ele a calçar* o sapato (FLP 22, L678)

Todos os causativos, com exceção de *mandar*, mostram-se como contextos altamente favorecedores da expressão do sujeito de infinitivo. O verbo *mandar* é o único deste grupo a apresentar um comportamento radicalmente oposto, restringindo a representação formal do sujeito e aparecendo conforme ilustrado abaixo, na grande maioria das construções analisadas:

(33) Um pedaço de carne (...) que eu *mandava buscar* (FLP 06, L894)

(34) Ele *mandou fazer* um panelão de arroz (FLP 01, L481)

Ainda com relação ao caráter manipulativo de certos verbos, note-se que este traço que costuma estar presente em verbos da oração matriz de construções do tipo OD=SUJ também se manifesta, em algum grau, em verbos de construções OI=SUJ, mais especificamente nos verbos de enunciação, como em:

(35) *Pediram pra mãe dar* uma olhadinha em mim (FLP 03, L81)



Com os verbos sensitivos (*ver, ouvir*), também há envolvimento do sujeito da oração principal, que é o experienciador da situação codificada na oração com infinitivo, conforme exemplo a seguir.

(36) Eles *viram eu tomar* aquilo (FLP 20, L1031)

Na maioria das ocorrências, tanto de verbos causativos como de percepção, há traço de agentividade no sujeito de infinitivo, o que, somado à não-correferencialidade categórica e ao tipo de envolvimento dos dois sujeitos, caracteriza o contexto mais propício à representação formal do sujeito de infinitivo no português falado (com 73% de sujeito preenchido).

O fator destoante na generalização acima diz respeito às construções com *mandar* (um subgrupo do tipo OD=SUJ), cuja análise aponta este contexto como de restrição ao preenchimento do sujeito de infinitivo. Apesar do traço semântico de forte manipulação associado a *mandar*, a recorrência de uso da seqüência *mandar + INF*, sem sujeito expresso, caracteriza-a como estrutura com forte traço de cristalização na fala. Temos, assim, no contexto mais favorável à expressão do sujeito (OD=SUJ), fatores internos que atuam como restrição à aplicação da regra. *Mandar* parece estar a caminho de um enrijecimento, adquirindo características de auxiliar em termos de integração sintática com o infinitivo que o segue.

Todas essas considerações indicam a necessidade de se refinar ainda mais os fatores de controle da variável em estudo, de modo a captar certas particularidades de ordem semântico-discursiva não apreendidas pelos grupos de fatores tradicionalmente considerados, a saber, a correferencialidade e a (in)determinação semântica do sujeito.

### 5. Um *continuum* de integração sintático-semântica

A recorrência de enunciados cujo estatuto sintático da oração infinitiva, e do próprio sujeito de infinitivo, mostra-se duvidoso por compartilhar traços característicos comuns a mais de um tipo de constituinte (cf. seção 3), leva-nos a colocar em discussão o caráter discreto das orações e a tentar uma abordagem escalar para o fenômeno.

A idéia de *continuum* já apareceu nos vários momentos em que falávamos de construções intermediárias. Um rastreamento no *corpus* investigado nos forneceu uma série de dados que podemos distribuir num gradiente de integração sintático-semântica. Começamos com casos híbridos que envolvem orações adverbiais.

(37) Deram uns dez [pra ele] [pra ele mandar pro programa] (FLP 09, L561)

(38) Ele tirou pra comprar um tênis [pra ela] [pra 0 ir pra aula] (FLP 02, L518)

(39) As enfermeiras deram um quarto lá [[pra nós] dormir] (FLP 03, L901)

Em (37) *ele* aparece duplamente referido e igualmente preposicionado em posição contígua, na primeira menção como objeto indireto e na segunda como sujeito de oração adverbial final, guardando sua autonomia formal e funcional. Em (38) o referente aparece explicitado como objeto indireto *pra ela* e apagado na segunda menção cuja função é de sujeito de infinitivo; neste caso, a preposição aparece repetida assinalando as duas funções sintáticas e o lugar da dupla menção referencial, preenchido apenas uma vez. Já em (39) tanto o referente em questão como a preposição aparecem mencionados somente uma vez; neste enunciado, *pra nós* corresponde à representação formal do objeto indireto e também do sujeito de infinitivo de uma oração adverbial. Os três exemplos ilustram um processo gradativo de neutralização de formas que culmina com uma forma superpondo duas funções, já que a forma para ambas seria idêntica. Uma construção alternativa que mantém a representação da dupla referência sem repetir as formas é mostrada a seguir:

(40) Ele *nos* deu a carta [pra todos nós ler] (FLP 12, L554)

No exemplo acima, o objeto indireto antepôs-se ao verbo na forma clítica e o sujeito *nós* aparece expresso após a preposição indicativa de finalidade. Dados desse tipo, entretanto, são pouco frequentes no *corpus* analisado.

O processo que ocorre nas orações com verbos principais transitivos indiretos ou bi-transitivos seguidas por adverbiais finais, com dupla função para a preposição *para*, parece estender-se a outros contextos. Vejam-se os seguintes dados com complemento de verbos *dicendi*:

(41) Meu pai dizia [pra eles], [pra eles me ensinarem a nadar], né? (FLP 01, L344)

(42) Eu pedia [[pra ela] bater no meu...] (FLP 01, L379)

(43) Eu vou pedir [[pra 0] 0 trazer um cafezinho pra gente] (FLP 01, L581)

O mesmo mecanismo de redução formal com integração sintático-semântica crescente verificado nos enunciados com orações de finalidade também se constata nos enunciados acima.

Se é relativamente simples admitir a superposição de funções de objeto do primeiro verbo e sujeito do segundo quando o referente em jogo é codificado como nome ou como pronome no caso reto, a situação complica-se um pouco quando o constituinte em questão aparece na forma oblíqua como em:

(44) Eles não emprestavam um dinheiro [[pra mim] pagar depois pra eles] (FLP 20, L653)

(45) Telefonaram [[pra mim] vir urgente em casa] (FLP 5, L334)

Observe-se que o paradigma pronominal relativo às três pessoas do discurso para construções transitivas indiretas regidas pela preposição *para* é: para *mim*, para *ti* e para *ele*. Em se tratando de P3 a forma pronominal é coincidente para os casos reto e oblíquo (*ele*), não ocorrendo o mesmo com P1 e P2, que mantêm as distinções formais para os dois casos (*eu/mim* e *tu/ti*).

Nas frases acima, *pra mim* corresponde à representação formal de objeto indireto, podendo ser analisado como tal já que os verbos comportam-se como transitivos indiretos (*emprestar* é bi-transitivo). Mas como fica o sujeito de *pagar* e de *vir* que é obviamente correferencial ao objeto em ambas as frases? Nos contextos de P3 formas correferenciais idênticas acabam se superpondo e mesclando funções. Como analisar, porém, a correferencialidade representada por formas diferentes quando apenas uma forma é expressa? Veja-se o desdobramento de uma das frases:

- (46) Eles não emprestavam um dinheiro [pra mim] [para eu pagar depois ...]

A opção analítica foi estender o procedimento adotado em relação a P3 para P2 e P1, considerando que há neutralização das diferenças formais, porém com predomínio da forma regida por preposição, i.é., do pronome oblíquo, o qual passa a superpor duas funções. Assim sendo, *mim* pode ser considerado como sujeito expresso de infinitivo.

Uma dificuldade adicional surge ao nos depararmos com dados em que *mim* e *ti* aparecem regidos por *pra* final sem agregar duas funções, comportando-se unicamente como sujeito de infinitivo, o que pode ser constatado nas frases abaixo:

- (47) Eu pedia pra ela bater no meu [pra mim quebrar também] (FLP 01, L379)  
 (48) Então [pra mim ter essas condições de vida] eu tenho que trabalhar sábado no táxi (FLP 02, L1168)  
 (49) Ele *me* convidou [pra mim ouvir música com ele] (FLP 20, L231)  
 (50) Duas reguadas [pra *ti* aprender a ficar quieto] quando eu mando (FLP 18, L394)

Uma vez admitido que *mim* pode ser sujeito de infinitivo quando compartilha funções regido por preposição (conforme discutido anteriormente), a saída mais razoável parece ser considerar agora que as formas oblíquas continuam exercendo a função de sujeito de infinitivo, desta vez sem mesclar funções, mantendo-se a forma oblíqua por força da regência de *pra*.

Tal análise é reforçada por outros tipos de construção como é o caso de *dar pra INF* em que *mim* também é sujeito de infinitivo regido por *pra* em um tipo especial de orações subjetivas:

- (51) Não fui mais (...) porque [pra mim sair à meia-noite] não dá, né? (FLP07, L642)  
 (52) Já dá [pra mim rodar a bolsinha por aí] (FLP 16, L1099)

Veja-se ainda a frase seguinte, na qual a mescla de funções parece estar mais acentuada.

- (53) Era uma dificuldade [pra mim] chegar na aula, né? (FLP 18, L123)

Parece estarmos diante de uma oração subjetiva com características formais de completiva nominal. Talvez por isso o sujeito de infinitivo carregue as marcas de complemento, ou seja, por estar na posição de complemento assume as características formais de tal. Este mesmo mecanismo parece estar presente em:

(54) Hoje está muito ruim [da gente se confiar]... (FLP 07, L731)

(55) Eu acho que está precisando [do pessoal] voltar (FLP 20, L570)

No primeiro exemplo, a oração infinitiva traz características formais de complemento nominal por estar contígua a um adjetivo (*ruim de*), no entanto parece estar funcionando como subjetiva. No segundo, a forma remete à identificação de *pessoal* como objeto indireto (*precisar de*), mas, a exemplo da anterior, também parece funcionar como sujeito.

O que se observa nos diferentes exemplos elencados no decorrer da exposição é que nem sempre as fronteiras dos constituintes sintáticos estão claramente delimitadas. Este fato traz problemas para a análise quando operamos com categorias discretas, seja ao isolar e identificar o estatuto sintático de orações, seja ao aplicar o mesmo procedimento a constituintes (pro)nominais.

Nossa proposta é que devemos admitir a existência de construções híbridas, as quais estariam num estágio intermediário entre duas categorias sintaticamente bem estabelecidas. Tal proposta é subsidiada, por um lado, pela recorrência de certos tipos de construção mesclada, o que indica não se tratar de casos isolados e aleatórios; por outro lado, pelas próprias características formais que recobrem as tais construções e que servem como pistas para recuperar o percurso de transição. Poder-se-ia admitir então que certas construções com infinitivo estão passando por um processo de reanálise, o que abrangeria também a questão da pessoalização do infinitivo através da expressão do sujeito.

## 6. Considerações finais

A expressão do sujeito de infinitivo em orações substantivas, objeto de análise neste estudo, foi alvo de um tratamento sintático-semântico-discursivo que colocou em relevo os seguintes aspectos: a) as orações substantivas apresentam um comportamento diferenciado no que se refere à variável em estudo - enquanto as subjetivas e um tipo particular de objetivas diretas (OD=SUJ) condicionam o preenchimento do sujeito de infinitivo, as predicativas e completivas nominais inibem a aplicação da regra; b) a construção *dar pra INF* (um tipo específico de subjetiva) e a construção *mandar INF* atuam como fatores de restrição à expressão do sujeito, exibindo uma certa rigidez estrutural; c) a correferencialidade e a (in)determinação semântica condicionam igualmente a representação formal do sujeito em quase todos os tipos de orações substantivas; d) existem particularidades semântico-discursivas que caracterizam a configuração sintática de cada tipo oracional, como por exemplo o caráter de referencialidade das subjetivas em oposição ao caráter atributivo das predicativas

e o traço de manipulação presente em certos verbos das construções OD=SUJ e OI=SUJ, que revela graus de envolvimento entre os sujeitos das duas orações em questão; e) muitas orações apresentam um estatuto sintático intermediário, distribuindo-se num continuum sintático- -semântico; f) muitos nomes e pronomes assumem funções híbridas em virtude de processos de redução diretamente relacionados à integração sintático-semântica; g) o compartilhamento de traços de categorias distintas que caracteriza certas orações e sintagmas nominais coloca em discussão o caráter discreto das categorias gramaticais.

O tratamento analítico dispensado aos dados está respaldado numa abordagem funcionalista da língua que prevê uma correlação entre integração sintático-semântica e gradualidade, uma competição entre motivações funcionais e estruturais, uma emergência constante da gramática (Givón, 1995).

### Notas

1 A taxa de preenchimento do sujeito, considerando-se todos os tempos verbais, situa-se entre 60% e 70%, conforme têm atestado os trabalhos de Lira, 1982; Monteiro, 1994; Duarte, 1995; Menon, 1996; Bonorino, 1997; Seara, 1997, entre outros.

2 O papel inibidor do infinitivo sobre a presença do sujeito foi também constatado por Monteiro (1997) em análise do *corpus* Português Oral Culto de Fortaleza. O autor registra os seguintes resultados para presença de pronome: com infinitivo (.27), com subjuntivo (.75) e com indicativo (.50).

3 Rocha Lima (1986:383) considera como casos de dupla construção contextos em que o sujeito do infinitivo for um substantivo que serve ao mesmo tempo de complemento de *ver, ouvir, deixar, fazer e mandar*. Já Perini (1996:201) chama de casos de “flutuação” aos que, segundo ele, ora se apresentam com acusativo, ora com nominativo.

### Referências Bibliográficas

- BONORINO, Mercedes. *A variável preenchimento do sujeito no falar de Florianópolis*. Florianópolis, UFSC, 1997, ms.
- CUNHA Celso e CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- DUARTE, Maria Eugênia. *A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro*. Campinas, Unicamp, Tese de Doutorado, 1995.
- GIVÓN, Talmy. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1995.
- GORSKI, Edair. O Infinitivo na fala de Florianópolis: (im)personalização. Mesa-redonda: *Morfossintaxe do português do Brasil: variação e mudança*. 3º Seminário do GT de Sociolinguística da ANPOLL. Curitiba, UFPR, set. 1997.
- \_\_\_\_\_. *Variação no uso do Infinitivo Pessoal*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

ACTAS DO XIV ENCONTRO NACIONAL DA APL

- LIRA, Solange A. *Nominal, pronominal and zero subject in Brazilian portuguese*. University of Pennsylvania, Ph.d. Dissertation. Ms., 1982.
- MENON, Odete. *Uso dos pronomes sujeito de 1ª pessoa: uma análise sociolinguística*. Curitiba, UFPR, Tese de Professor Titular, 1996.
- MONTEIRO, José L. *Pronomes pessoais*. Fortaleza, EUFC, 1994.
- PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 2ª ed. São Paulo, Ática, 1996.
- PINTZUK, Suzan. *VARBRUL programs*. ms., 1988.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 27ª ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1986.
- SEARA, Izabel C. *Expressão variável do sujeito nós e a gente na fala de informantes florianopolitanos*. Florianópolis, UFSC, 1997 ms.